



Capítulo 5
doi.org/10.53934/GPTI-05

**ATIVIDADES LÚDICAS EM SALA DE ESPERA NO CAPSI –
CUITÉ – PB: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**Maria Luiza Meneses de Queiroz Duarte¹; Ana Júlia Moura Ferreira da Silva²;
Sofhia Ellen de Sousa Nobrega³; João Diniz Neto⁴; Maria Clara Nogueira
Moura⁵; Carmem Emanuely Guedes Dantas Pereira⁶; Melissa Lima Lins⁷;
Maria de Jesus dos Santos de Sousa⁸; Dorgival Augusto da Silva Junior⁹;
Matheus Queiroz de Azevedo¹⁰; Flávia Negromonte Souto Maior¹¹; Mayara
Queiroga Estrela Abrantes Barbosa¹²; Camila Carolina de Menezes Santos
Bertozzo¹³; Vanessa Mayara Sena dos Santos¹⁴**

¹Estudante do Curso de Nutrição – CES – UFCG; E-mail: luiza.meneses@estudante.ufcg.edu.br,

²Estudante do Curso de Nutrição – CES – UFCG; E-mail: julia.moura@estudante.ufcg.edu.br,

³Estudante do Curso de Nutrição – CES – UFCG; E-mail: sofha.ellen@estudante.ufcg.edu.br,

⁴Estudante do Curso de Nutrição – CES – UFCG; E-mail: diniz.neto@estudante.ufcg.edu.br, ⁵Estudante

do Curso de Nutrição – CES – UFCG; E-mail: clara.nogueira@estudante.ufcg.edu.br, ⁶Estudante do

Curso de Nutrição – CES – UFCG; E-mail: carmem.emanuely@estudante.ufcg.edu.br, ⁷Estudante do

Curso de Nutrição – CES – UFCG; E-mail: melissa.lima@estudante.ufcg.edu.br, ⁸Estudante do Curso

de Nutrição – CES – UFCG; E-mail: jesus.santos@estudante.ufcg.edu.br, ⁹Estudante do Curso de

Nutrição – CES – UFCG; E-mail: dorgival.augusto@estudante.ufcg.edu.br, ¹⁰Estudante do Curso de

Nutrição – CES – UFCG; E-mail: queiroz.azevedo@estudante.ufcg.edu.br, ¹¹Docente – CES – UFCG;

E-mail: flavia.negromonte@professor.ufcg.edu.br, ¹²Docente – CES – UFCG; E-mail:

mayara.queiroga@professor.ufcg.edu.br, ¹³Docente – CES – UFCG; E-mail:

camila.carolina@professor.ufcg.edu.br, ¹⁴Trabalhador da saúde, Secretaria Municipal de Saúde,

Coordenadora do CAPSi-Cuité-PB; E-mail: vanessamayarasena@gmail.com

Resumo: As salas de espera representam um ambiente conveniente para a promoção de educação em saúde, especialmente de forma lúdica para crianças, a fim de diminuir o sofrimento causado pela ociosidade durante a espera por atendimento nos serviços de saúde, tornando-se ainda mais necessária esta intervenção nos Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi). Assim, objetivou-se promover estratégias de acolhimento, por meio de atividades lúdicas, para crianças em sala de espera no CAPSi do município de Cuité-PB. Trata-se de um relato de experiência sobre as ações desenvolvidas pelos extensionistas do curso de nutrição da Universidade Federal de Campina Grande, no Centro de Educação e Saúde no projeto de fluxo contínuo de extensão universitária (FLUEX). As ações ocorrem em diferentes horários para alcançar um maior número de crianças, sendo realizadas oficinas de pintura, massinha e brincadeiras educativas com foco na alimentação saudável. Parte dos extensionistas realizam atividades simultâneas com as mães, por meio de rodas de conversa, buscando promover orientações de saúde e de enfrentamento das dificuldades relacionadas com

os transtornos mentais. Os resultados têm sido positivos, tendo 100% da participação tanto das crianças presentes no momento das ações, como das mães nas rodas de conversa propostas, fortalecendo ainda mais o vínculo entre eles, contribuindo para melhoria na qualidade de vida destas famílias.

Palavras-chave: transtornos mentais; transtornos do neurodesenvolvimento; crianças.

INTRODUÇÃO

A assistência às pessoas com transtornos mentais é um direito de todos e é ofertada no Sistema Único de Saúde (SUS), de forma integral e gratuita, em todo o território brasileiro. A atenção primária à saúde representa a porta de entrada do SUS e é responsável por realizar a identificação precoce dos sintomas que necessitam de cuidado. Por sua vez, a Rede de Atenção Psicossocial (Raps) organiza e estabelece os fluxos de atendimento para pessoas com transtornos mentais, sendo composta por diferentes serviços, dentre eles os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), que compreendem serviços especializados de saúde mental, de caráter aberto e comunitário, destinados ao atendimento de pessoas com sofrimento psíquico, seja em situações de crise ou nos processos de reabilitação psicossocial (BRASIL, 2023).

O funcionamento dos CAPS é regulamentado pelas Portarias no. 336/2002 e no. 3.088/2011, que preconizam que devem ser compostos por uma equipe multiprofissional, prestando um serviço humanizado e acolhedor (BRASIL, 2002; 2011). O trabalho nos CAPS, preferencialmente, é realizado em espaços coletivos, de forma articulada com os outros pontos de atenção da rede de saúde e das demais redes. São prestados atendimentos médicos, psicológicos, de assistência social, além de grupos com objetivos diversos (BRASIL, 2014). São divididos em 6 modalidades: CAPS I, II, III, CAPS ad Álcool e drogas II e III e o CAPSi, sendo este último voltado para atendimento de crianças e adolescentes, incluindo aquelas relacionadas ao uso de substâncias psicoativas, sendo indicado para municípios ou regiões de saúde com população acima de 70 mil habitantes.

No Brasil, algumas pesquisas têm confirmado uma grande prevalência de transtornos mentais em crianças e adolescentes (RONCHI; AVELLAR, 2010), o que vem demonstrando a importância dos serviços prestados pelo CAPSi para a garantia de promoção de saúde por meio da equipe multiprofissional disponível neste serviço. Apesar de ser preconizado o funcionamento através de livre demanda, os profissionais podem incluir ações educativas, coletivas ou individuais, especialmente nos momentos nos quais os usuários permanecem no serviço aguardando por atendimento, uma vez que essa espera pode implicar em desconforto e inquietações das crianças e adolescentes (POLETTO; MOTTA, 2015 apud ANDRADE; FARINHA; ESPERIDIÃO, 2020).

Sendo assim, a sala de espera compreende um importante espaço terapêutico, constituindo mais um local de promoção de saúde tanto para as crianças e adolescentes como para seus familiares ou cuidadores, uma vez que a ociosidade é ocupada por momentos educativos, com transmissão de conhecimento, e lúdicos a fim de ressignificar todo sofrimento psíquico enfrentado por estas famílias (WILD et al., 2014; REIS et al., 2014).

Um dos principais recursos terapêuticos a serem usados nesta abordagem das salas de espera são as atividades coletivas, as quais podem ser propostas pela equipe multiprofissional, desde que estejam planejadas com muito cuidado e experiência, tendo em vista que esse público apresenta sofrimento psíquico, estando sensível emocionalmente e estas ações podem representar um importante papel de ressocialização destes indivíduos e seus familiares, tendo estes últimos, um papel chave

no processo de tratamento e recuperação. Comumente, um ambiente de sala de espera é constituído por pessoas que não se conhecem, por isso, faz-se necessário que estas ações coletivas possam integrar estes indivíduos, por meio de trocas de experiências e rodas de conversa, transformando-se em um ambiente mais dinâmico para a promoção das ações de educação em saúde, abordando informações relevantes para cada um dos envolvidos com estas ações (ANDRADE; FARINHA; ESPERIDIÃO, 2020).

Segundo Flores e Quintana (2016), a intervenção em sala de espera deve manter o foco no indivíduo, possibilitando estratégias que estão além das propostas terapêuticas, permitindo observar possíveis mudanças de comportamento que contribuem para a compreensão da pessoa e planejamento de ações terapêuticas futuras. Vale destacar que, a cada tema abordado, é importante realizar a escuta atenta para certificar-se de que o público tenha compreendido as informações repassadas durante a ação executada.

O Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi) Enfermeira Leneide Farias Pereira, localizado no Município de Cuité – PB, é referência na região na rede de atenção psicossocial infantil, sendo o único serviço público direcionado à saúde mental infantojuvenil da cidade, abarcando todos os tipos de demandas de transtornos mentais e atendendo a 12 municípios circunvizinhos. Possui cerca de 540 pacientes cadastrados, dos quais 90 possuem o Transtorno do Espectro Autista (TEA) (dados atuais fornecidos pelo CAPSi). Estes pacientes são atendidos por uma equipe multidisciplinar formada pelo psiquiatra, psicólogo, nutricionista, assistente social e psicopedagoga. O atendimento do psiquiatra ocorre quinzenalmente, nas terças-feiras, concentrando uma grande quantidade de famílias pertencentes aos 12 municípios que são abrangidos por este serviço, girando em torno de 40 a 50 crianças e adolescentes por dia de atendimento. Uma vez que esses pacientes sofrem algum transtorno mental, entre eles, transtornos do neurodesenvolvimento como TEA e TDAH, Esquizofrenia, Ansiedade, entre outros, esta espera pode causar sofrimento, irritabilidade e pode ser um gatilho para uma crise.

Diante disto, o objetivo desta ação extensionista é promover estratégias de acolhimento por meio de atividades lúdicas para as crianças e atividades educativas para seus familiares/cuidadores em sala de espera no CAPSi do município de Cuité-PB.

PERCURSO DA EXPERIÊNCIA

Trata-se de um relato de experiência descritivo sobre as ações desenvolvidas por meio do projeto de extensão do tipo FLUEX intitulado: “Doce Espera: atividades lúdicas como estratégia de acolhimento de crianças em sala de espera no CAPSi – Cuité/PB.”, realizadas por discentes do curso de nutrição do CES – UFCCG, Campus Cuité-PB, durante a vigência atual (2023). O público-alvo consiste em crianças usuárias do Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil Enfermeira Leneide Farias Pereira, localizado no município de Cuité-PB e seus cuidadores. As atividades de extensão são realizadas quinzenalmente, nas terças-feiras, durante os dias e horários de consulta do psiquiatra, envolvendo as crianças e seus familiares acompanhantes que estiverem na sala de espera para atendimento médico. A coordenação do CAPSi disponibiliza tanto o espaço ao ar livre como uma sala de espera grande. Todas as atividades são realizadas de forma coletiva, utilizando diversos materiais, tanto disponibilizados pelo próprio serviço, como adquiridos ou confeccionados pela equipe do projeto, tais como: jogos educativos, massa de modelar, desenhos para pintar, bolas etc. Para as mães, até o momento, a ferramenta de ação tem sido a roda de conversa, com o objetivo de criar o vínculo com a equipe, identificar algumas características da criança que possam guiar as atividades naquele momento, bem como, servir como uma forma de proporcionar

bem-estar emocional para elas. Todas as ações desenvolvidas e o comportamento das crianças são registradas e anexadas ao prontuário de cada criança, como forma de auxiliar no planejamento das ações futuras realizadas pelos outros profissionais de saúde do CAPSi.

RELATO DA EXPERIÊNCIA

A equipe do referido projeto de extensão é formada por 15 discentes, sendo todos do curso de nutrição e mais 2 docentes orientadoras, 2 colaboradoras do próprio serviço do CAPSi, além da coordenadora. O atendimento do psiquiatra ocorre quinzenalmente, nas terças-feiras, a partir das 7:30 até por volta das 14:00, tendo, em média, 30 a 40 crianças por dia de atendimento, concentrando um maior número de crianças por volta de 9:00. Os alunos extensionistas são divididos em dois grupos, sendo o primeiro grupo responsável pelo horário das 8:30 às 9:30 e o segundo grupo pelo horário das 11:30 às 12:30. Em cada horário, um dos alunos fica responsável por coordenar as atividades, monitorando o horário e registrando a atividade por meio de fotos e anotações, e 3 alunos se responsabilizam por conduzir a roda de conversa com as mães / cuidadores (Figuras 1, 2 e 3). A supervisão das equipes é feita pelas colaboradoras (no primeiro horário) e pelas docentes (no segundo horário).

Como a demanda é livre e a quantidade de criança varia conforme o horário, as atividades são planejadas previamente considerando as variáveis e, portanto, a cada encontro, são levadas várias opções de atividades para serem trabalhadas de acordo com as preferências das crianças. Vale salientar que estas ações não acontecem de forma continuada com cada criança, visto que o retorno ao médico ocorre a cada 2 meses ou com um intervalo maior, dependendo de cada quadro clínico. Sendo assim, a cada encontro, novas crianças são atendidas pelo projeto, o que se torna um desafio ainda maior, pois além da dificuldade para realização de atividades coletivas com crianças com transtornos do neurodesenvolvimento – as quais apresentam, muitas vezes, limitações de comunicação e interação social –, enfrentamos o desafio de criar vínculo entre a criança e os extensionistas, etapa fundamental para a execução das atividades propostas. A média de atendimentos varia, sendo maior no primeiro horário, em torno de 15 crianças, e no segundo horário em torno de 10 crianças.

As ações ocorrem nas seguintes etapas:

- 1) *Abertura* – Ao iniciarmos a ação, as crianças são convidadas para participarem de brincadeiras e, de acordo com a preferência de cada criança, os extensionistas vão interagindo com a criança, estabelecendo o vínculo e seguindo aos seus comandos, respeitando a realidade de cada atividade.
- 2) *Variação* – No decorrer das atividades, é sugerido a variação da brincadeira, dando opções para a criança variar o brinquedo / jogo ou para interagir com outra criança do grupo.
- 3) *Fechamento* – Faltando 10 minutos para encerrar a atividade, os extensionistas avisam que a atividade será encerrada, começam a guardar os materiais junto com eles, a fim de dar previsibilidade às crianças.

Na semana em que não há sala de espera, os extensionistas planejam as atividades da semana seguinte. Além disso, participam semanalmente de um grupo de estudos online para aprofundar o conhecimento sobre os transtornos de neurodesenvolvimento e para conhecer a atividade de alguns profissionais que atuam

na intervenção destas crianças, tais como psicóloga, nutricionista e atendente terapêutica, o que representa uma importante troca de experiência com os alunos, visto que todos esses profissionais dão orientações para como lidar com determinados comportamentos neuroatípicos. Neste grupo de estudos, o acesso é aberto para o público em geral, participando outros alunos da UFCCG, como também de outras universidades, além de já participarem mães de crianças com TEA e outros transtornos.

As palestras que já foram realizadas foram:

- Critérios diagnósticos baseados no DSM-5;
- Abordagem psicológica baseada no ABA;
- Diretrizes sobre seletividade alimentar e intervenção clínica;
- Abordagem terapêutica baseada no modelo Denver.

Diante das ações desenvolvidas até o momento, ressalta-se a importante contribuição deste projeto de extensão para todos os envolvidos: as crianças, seus familiares, os alunos extensionistas, como também o próprio serviço do CAPSi. A cada ação, conseguimos envolver todas as crianças presentes no CAPSi na sala de espera, até mesmo aquelas que normalmente tem dificuldade de interação social e comunicação, proporcionando um ambiente leve e divertido durante aquele período de espera. Os pais também se beneficiam com as ações, a partir das rodas de conversa, pois vivenciam momentos de troca de experiências, tendo a percepção de diferentes realidades e dificuldades enfrentadas pelas outras crianças, impactando positivamente no estado emocional de toda a família. Além disso, a realização destas ações trazem grandes contribuições para os alunos extensionistas, uma vez que eles tem a oportunidade de aprender sobre os diversos transtornos de neurodesenvolvimento e desenvolver habilidades no atendimento infantil.

É importante destacar que, trabalhar de forma coletiva com crianças com transtornos de neurodesenvolvimento, representa um grande desafio, pois cada criança tem a sua particularidade e suas limitações, além de que a maioria não é tratada por terapias especializadas, sendo acompanhadas apenas pelas oficinas oferecidas pelo CAPSi. No entanto, os extensionistas tem usado estratégias bem-sucedidas para a execução das ações, como por exemplo, fazerem uma abordagem individualizada, ficando cada extensionista responsável por uma criança.



Figura 1: Registro de alguns recursos utilizados com as crianças no CAPSi-Cuité.



Figura 2: Registro das atividades realizadas com as crianças no CAPSi-Cuité.



Figura 3: Registro de rodas de conversa realizadas com as mães no CAPSi-Cuité.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades lúdicas configuram-se como importante estratégia de acolhimento e diminuição do sofrimento enfrentado numa sala de espera, especialmente para crianças com transtornos de neurodesenvolvimento, enfatizando a relevância da realização deste projeto de extensão.

AGRADECIMENTOS

A execução deste projeto só tem sido possível graças ao total apoio oferecido pelo CAPSi, desde a disponibilidade dos espaços físicos, até o apoio operacional durante as ações. Toda a equipe, sem exceção, mas especialmente a coordenadora do CAPSi, Vanessa Santos, empenha-se para proporcionar aos extensionistas as melhores condições para desenvolvimento das ações.

CITAÇÕES E REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. M. M.; FARINHA, M. G.; ESPERIDIÃO, E. Enfermagem em Saúde Mental: intervenção em sala de espera na assistência integral à saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v.73 (Supl 1), p. 1-8, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria MS/GM nº 336, de 19 de fevereiro de 2002**. Dispõe sobre Modalidades, Organização e Funcionamento dos CAPS. Brasília, 2002. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/prt0336_19_02_2002.html Acesso em: 14 ago. 2023.

_____. Ministério da Saúde. **Portaria MS/GM nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011**. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de *crack*, álcool e outras drogas no âmbito do Sistema Único de Saúde. Brasília, 2011. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.html. Acesso em 14 ago.2023.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional do Ministério Público. **Atenção psicossocial a crianças e adolescentes no SUS: tecendo redes para garantir direitos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 60 p.

_____. Ministério da Saúde. **Centros de Atenção Psicossocial**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saes/desme/raps/caps> Acesso em: 14 ago. 2023.

FLORES, L. B.; QUINTANA, A. M. Grupo de sala de espera e o câncer de mama: uma tentativa de acolhimento psicológico em ambiente ambulatorial. In: Costa MMM, Leal MCH (org). **Políticas públicas e demandas sociais: diálogos contemporâneos II**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 1(1): 363-84. 2016.

POLETTI, P. M. B., MOTTA, M. G. C. Education in health in the waiting room: care and action soothe child who lives with HIV/aids. **Esc Anna Nery**. v.19, n.4, p.641-647, 2015.

REIS, F. V.; BRITO, J. R.; SANTOS, J. N.; OLIVEIRA, M. G. Educação em saúde na sala de espera: relato de experiência. **Rev Méd Minas Gerais**. v.24 (Supl1), p. 32-6, 2014.

RONCHI, J. P.; AVELLAR, L. Z. Saúde mental da criança e do adolescente: a experiência do Capsi da cidade de Vitória-ES. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 12, n. 1, p. 71-84, 2010.

WILD, C. F.; SILVEIRA, A.; ROSA, E. O.; FAVERO, N. B.; GUETERRES, E. C.; LEAL, S. D. S. Educação em saúde na sala de espera de uma policlínica infantil: relato de experiência. **Rev Enferm UFSM**. v.4, n. 3, p. 660-6, 2014.